



Ligeiramente
SEDUZIDOS

.....
.....
MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas vingança, mas
se tornou uma irresistível paixão



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAPÍTULO I



De certo modo, ainda parecia estranho voltar a participar de uma reunião da nata da sociedade britânica e ouvir a língua inglesa ser falada por praticamente todos os presentes. Não que a única nacionalidade no recinto fosse a inglesa. Também havia holandeses, belgas e alemães, entre outros. Mas os britânicos predominavam.

Gervase Ashford, conde de Rosthorn, estava parado logo na entrada do salão de baile da casa que o visconde de Cameron havia alugado na Rue Ducale, em Bruxelas, olhando ao redor com considerável interesse. Procurava rostos conhecidos. Já vira vários desde que chegara, fazia pouco tempo, da Áustria, mas esperava ver mais ali. No entanto, a grande maioria tanto das damas quanto dos cavalheiros lhe parecia excessivamente jovem. Aos 30 anos, Gervase experimentava a estranha sensação de ser um ancião.

Muitos daqueles jovens cavalheiros, e alguns dos mais velhos também, ostentavam uniformes militares – alguns azuis ou verdes, mas a maior parte de um vermelho escarlata e resplandecente, com ricos adornos e galões dourados. Como pavões, eles ofuscavam o brilho das damas, que usavam vestidos fluidos, de cintura alta, em tons pastel. Mas em contraste as damas pareciam delicadas e muito femininas.

– Um homem se sente em óbvia desvantagem aqui, ainda que esteja em uma de suas melhores roupas civis, não é mesmo? – disse o honorável John Waldane, em um tom melancólico, no ouvido esquerdo de Gervase.

O ouvido direito dele já estava ocupado com o zumbido cada vez mais alto de uma centena de vozes, todas tentando se sobrepor ao alarido ao redor e ao som dos instrumentos da orquestra que estavam sendo afinados.

– Se o homem em questão estiver aqui com a intenção de impressionar as damas, suponho que sim – concordou Gervase com uma risadinha. – Já se ele quiser ser um observador invisível, não.

Naquele momento, ele preferia ser o mais discreto possível. Ainda se sentia um pouco tímido em relação aos britânicos, imaginando quanto eles se lembravam do que acontecera nove anos antes, e também quanto *havia* para se lembrarem. Embora tivesse havido poucas cenas em público, Gervase não sabia até que ponto aquela história sórdida se tornara pública. Waldane, conhecido de Gervase na época, o saudara com enorme amabilidade quando os dois se esbarraram dois dias antes, e não fez nenhuma referência ao fato. Mas, é claro, a reputação que Gervase conquistara desde então era inegavelmente notória para quem quer que tivesse passado algum tempo no continente.

– O velho Bonaparte deve ser capturado a qualquer momento, arrastado de volta a Elba e mantido trancafiado pelo resto da vida, se algum de seus guardas tiver um cérebro, por menor que seja – comentou Waldane. – Então esses oficiais não terão mais desculpa para tantos galanteios ou para deslumbrar as damas com uma apresentação tão prendada.

– Inveja? – Gervase voltou a rir.

– Mortal. – Waldane, ligeiramente mais corpulento do que na última vez em que Gervase o vira, nove anos antes, e agora calvo, os cabelos claros e finos rareando, riu com tristeza. – Dá prazer impressionar algumas damas.

– É mesmo? – Gervase levou o monóculo ao olho para ver melhor o outro extremo do salão de baile cheio. Reconheceu lorde Fitzroy Somerset, o secretário militar do duque de Wellington, que conversava com Lady Mebs, e também Sir Charles Stuart, embaixador britânico em Haia. Mas sua atenção se desviou obsequiosamente para as damas mais jovens, sem que tivesse qualquer expectativa de reconhecer alguma delas, ou fosse sentir qualquer interesse caso isso acontecesse. Não gostava muito das demasiadamente jovens. – Santo Deus, você está certo.

O monóculo de Gervase fez uma pausa no grupo de Sir Charles, em uma jovem dama que, naquele momento, se afastou um pouco dos outros para cumprimentar dois jovens oficiais dos Life Guards, um dos regimentos de cavalaria. Eram belos rapazes que usavam calças muito brancas e elegantes, casacos escarlate com forro azul, galões dourados e, no lugar das botas de cavalaria, sapatos de dança.

A dama era mesmo muito jovem – mal devia ter acabado os estudos na sala de aula de casa, se ele não estivesse enganado. Gervase talvez não houvesse reparado na moça se Waldane não tivesse chamado sua atenção. Mas, depois de vê-la, foi forçado a admitir que, às vezes, era possível sentir um grande prazer apenas em apreciar uma beleza extraordinária.

Era o que estava acontecendo naquele momento.

A jovem era absolutamente adorável, o que ficava ainda mais evidente pela simplicidade do vestido branco, em um contraste agudo com a riqueza agressiva do uniforme usado pelos dois oficiais. Era um modelo de mangas curtas, decote baixo e cintura alta, de renda sobre cetim. Mas não era na roupa que Gervase estava interessado. O olhar experiente dele percebeu que o corpo sob o vestido era ágil, esguio e de pernas longas, embora inegavelmente feminino. O pescoço, longo e elegante como o de um cisne, sustentava a cabeça orgulhosamente erguida. E a moça tinha todo o direito de ter orgulho de si. Os cabelos escuros estavam presos no alto da cabeça e entremeados com pedras que poderiam muito bem ser diamantes cintilantes sob a luz de milhares de velas nos candelabros acima deles. O rosto – oval, com olhos escuros e nariz reto – era de uma perfeição clássica. E a beleza da jovem se tornava estonteante quando ela sorria, como fazia naquele momento em reação a algum comentário do oficial à sua direita. Ao rir, ela levantou o leque de renda branca na direção do queixo.

Gervase pensou que talvez jamais houvesse visto mulher mais adorável – se é que era possível chamá-la de mulher. Na verdade, a jovem era pouco mais do que uma menina, mas tão incrivelmente adorável quanto um botão de rosa perfeito que ainda não desabrochara em toda a plenitude.

Por sorte, talvez, para a jovem dama em questão – e para qualquer parente ou acompanhante que pudesse estar por perto –, ele preferia flores mais maduras a botões tenros. Afinal, as primeiras costumavam estar mais dispostas a serem seduzidas. Gervase já havia visto o bastante e estava prestes a desviar o monóculo.

– *Aquela* valeria a pena impressionar – observou John Waldane, notando os lábios torcidos do amigo e a direção do seu olhar. – Mas, infelizmente, Rosthorn, a jovem só tem olhos para homens de ombros largos que estejam vestindo um casaco escarlate.

Após dizer isso, Waldane suspirou de forma desamparada e teatral.

– E desde que o homem em questão não tenha nem um dia a mais que 22 anos de idade – acrescentou Gervase, notando a juventude dos dois oficiais dos Life Guards.

Devia mesmo estar ficando velho, pensou, quando até mesmo oficiais militares começavam a parecer colegiais brincando de guerra.

– Você não sabe quem é ela? – perguntou Waldane quando Gervase começou a se afastar, com a intenção de ir para o salão de jogos.

– Deveria? – perguntou Gervase. – Trata-se de alguém importante, então?

– Pode-se dizer que sim – confirmou o amigo. – A jovem está hospedada na residência dos condes de Caddick, na Rue de Bellevue, já que a filha do casal, Lady Rosamond Havelock, é sua amiga. Mas o irmão da dama em questão também está aqui. Ele tem ligação com a embaixada em Haia, ocupa algum cargo lá, mas no momento está em Bruxelas com Sir Charles Stuart.

– E...? – indagou Gervase, agitando a mão para que o amigo se apressasse na explicação.

– Um dos oficiais que está conversando com a jovem, o mais alto, de cabelos dourados, à direita dela, é o visconde de Gordon – falou Waldane. – Capitão, filho e herdeiro de Caddick. O único filho homem dele, na verdade. Daí a comissão militar nos Life Guards, suponho... toda a glória e os galões dourados, mas sem perigo algum. Eles desfilam cheios de pose no lombo de seus cavalos nas paradas militares, magníficos, levando as damas ao desmaio. Mas eles mesmos desmaiariam se essa ameaça de guerra contra o velho Bonaparte deixasse de ser apenas uma previsão empolgante e acabasse se tornando realidade.

– Eles podem vir a nos surpreender se lhes for dada a chance de alcançar a glória – comentou Gervase, sendo mais justo.

Deu um passo em direção às portas que o levariam para fora do salão de baile. Obviamente, Waldane estava confundindo seu interesse pela jovem de cabelos escuros com algo mais pessoal do que na verdade era, e esperava que ele implorasse que lhe revelasse a identidade dela.

– O nome dela é Lady Morgan Bedwyn – esclareceu o amigo.

Gervase parou e voltou a olhar para Waldane, as sobrancelhas erguidas.

– *Bedwyn?*

– A mais nova da família – disse Waldane. – Recém-saída do banco da sala de aula, recém-apresentada à corte, o prêmio mais valioso no mercado

de casamentos, se já não houvesse sido arrebatada por Gordon. Pelo que sei, espera-se que o anúncio do compromisso dos dois seja feito a qualquer momento. Por isso é melhor manter distância da jovem, Rosthorn, mesmo que o lobo tenha ficado na Inglaterra quando ela veio para cá. – Ele deu um tapinha amigável nas costas do amigo e sorriu.

O lobo. Wulfric Bedwyn, o duque de Bewcastle. Embora fizesse nove anos que não via o homem e não houvesse pensado nele nos últimos quatro ou cinco, Gervase sentiu toda a fúria gelada de um antigo ódio ao se lembrar dele agora. Era a Bewcastle que ele devia a estranheza diante daqueles rostos e vozes ingleses e o próprio constrangimento por estar no meio deles – *sua própria gente*. Era a Bewcastle que Gervase devia o fato de não ter pisado na Inglaterra – *seu próprio país, o país de seu pai* – desde que tinha 21 anos. Em vez disso, passara a vagar pelo continente, sem pertencer realmente à França, apesar de sua mãe ser francesa, porque era inglês de nascimento e herdeiro de um título de conde britânico. Não estivera seguro na maior parte dos países europeus sob ocupação francesa pela mesma razão.

Por causa de Bewcastle – cuja amizade já cultivara em certa época –, toda a vida dele fora virada do avesso e mudada para pior, para sempre. Durante o primeiro ano, o exílio parecera mais sofrido do que a morte. E, somadas a ele, ainda havia a terrível humilhação e a impotência para convencer qualquer um de que fora vítima de uma injustiça. O consolo de Gervase fora se tornar exatamente o que esperavam que ele fosse: um libertino que não se importava com nada nem com ninguém a não ser consigo mesmo e com a satisfação dos próprios desejos, fossem sexuais ou de outra natureza. Sem dúvida, ele permitira de mais de uma maneira que Bewcastle vencesse.

Ah, sim, Gervase percebeu naquele breve instante enquanto ainda olhava para Waldane por sobre o ombro que o ódio e o desejo ardente de fazer Bewcastle sofrer também não haviam diminuído em nove anos. Apenas foram relegados ao campo da inconsciência.

E agora ele estava na mesma casa – no mesmo *salão* – que a irmã de Bewcastle. Era quase bom demais para ser verdade.

Gervase olhou mais uma vez para o outro lado do salão. A jovem tinha uma das mãos enluvadas pousada na manga do oficial de cabelos dourados – o capitão Gordon – e se dirigia com ele à pista de dança, onde as filas entravam em formação para as quadrilhas iniciais.

Lady Morgan Bedwyn.

Sim, não era difícil acreditar. A jovem se portava com o orgulho, a arrogância, mesmo, de uma aristocrata nata.

Gervase poderia causar um prejuízo ali se desejasse, pensou, estreitando os olhos ao observar a jovem. A tentação era quase incontrolável.

Enquanto ela assumia seu lugar na longa fila de damas e o capitão Gordon – um belo rapaz – se posicionava na fila oposta de cavalheiros, a atenção sorridente da jovem estava concentrada em seu par. E era mesmo um ótimo partido, filho e herdeiro de um conde. Na verdade, todos já davam como certo um compromisso entre os dois.

A ideia de causar algum dano se tornou ainda mais atraente.

A jovem dama sem dúvida era inocente, apesar de sua arrogância. Provavelmente estivera sob o olhar atento de governantas até o momento de sua apresentação à sociedade e, desde então, devia ter uma acompanhante sempre por perto. Gervase, por outro lado, era tudo, menos inocente. Era verdade que, apesar da reputação que carregava, só usava seus encantos para seduzir mulheres que estivessem no mesmo patamar que ele, tanto em experiência quanto em idade. Mas se escolhesse usar esses encantos para atrair uma jovem inocente, acreditava ser capaz de desviar a atenção da moça de um casaco escarlate.

Se escolhesse.

Como poderia não escolher?

Quando a música começou, Gervase sentiu uma leve tentação. Para dizer a verdade, não foi tão leve assim.

Lady Morgan Bedwyn executou os passos da quadrilha com precisão e graça. Gervase reparou que os seios eram pequenos, e o corpo, muito esguio, atributos que não costumavam atraí-lo sexualmente. É claro que não estava excitado naquele momento – apenas apreciava a beleza perfeita da jovem.

E, sim, sentia-se muito tentado a causar problemas a ela.

– Vai para o salão de jogos, Rosthorn? – perguntou John Waldane.

– Talvez mais tarde – respondeu Gervase, sem desviar a atenção dos dançarinos, cujos pés marcavam o ritmo no piso de madeira. – Acho que vou em busca de Lady Cameron, para pedir-lhe que me apresente a Lady Morgan Bedwyn no fim das quadrilhas.

– Não diga! – O amigo pegou a caixa de rapé. – Você é um demônio, Rosthorn! Bewcastle o desafiaria para um duelo se soubesse que apenas pousou os olhos na irmã dele.

– Pelo que me lembro, Bewcastle não entra em duelos – comentou Gervase com desdém, as narinas dilatadas ao lembrar o insulto. – Além do mais, eu *sou* Rosthorn. É bastante adequado que eu peça que me apresentem à jovem, Waldane. Ou mesmo que a convide para uma dança. Não estou planejando chamá-la para *fugir* comigo, veja bem.

Embora lhe causasse uma satisfação perversa imaginar como Bewcastle reagiria se ele *realmente* fugisse com a moça, Gervase ousaria contemplar tal possibilidade de vingança?

– Aposto cinco libras que ela insistirá em ter como par em todas as danças um uniforme escarlate e não lhe dará a menor atenção – provocou Waldane, rindo mais uma vez.

– Apenas cinco? – Gervase estalou a língua. – Assim você fere meus sentimentos, Waldane. Aposte dez libras, ou cem, se desejar. Perderá, é claro.

Ele não conseguia tirar os olhos da jovem. Ela era *irmã* de Bewcastle, uma pessoa próxima a ele, uma pessoa que lhe era cara. Alguém através de quem o orgulho e o senso de importância do duque, ainda que não o coração do nobre, poderiam ser atingidos. Era pouco provável que o homem *tivesse* coração – não mais do que o próprio Gervase tinha, pensou ele com cinismo.

É estranho como às vezes a sorte se vira a favor de um homem – embora já estivesse mesmo na hora. A Bélgica era o mais perto que Gervase chegara de voltar para casa, ainda que o pai já tivesse morrido havia mais de um ano e que a mãe implorasse por seu retorno à Chácara Windrush, em Kent, para assumir sua herança, seus deveres e suas responsabilidades como conde de Rosthorn. Ele estivera em Viena quando Napoleão Bonaparte escapara de Elba, em março. Agora, dois meses depois, dera um passo hesitante mudando-se para Bruxelas, onde os britânicos e seus aliados começavam a reunir forças para o esperado confronto com Bonaparte. Muitos britânicos que tinham filhos no exército haviam levado esposas, filhas e outros membros da família com eles. Um grande número de outros britânicos estava reunido ali apenas porque Bruxelas, na primavera de 1815, era o lugar onde se concentrava a nata da sociedade.

E entre essas pessoas estava Lady Morgan Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle.

Ah, sim, ele se sentia muito mais do que *levemente* tentado.

A sorte enfim lhe dera uma mão de cartas com grandes possibilidades.



Lady Morgan Bedwyn estava mais do que apenas um pouco aborrecida e ligeiramente desapontada. Ela odiara a ideia de participar da temporada de festas e brigara por isso com Wulfric – o duque de Bewcastle, seu irmão mais velho e chefe da família – durante um ano ou mais, antes de completar 18 anos. Não queria ficar dando risadinhas ou sorrindo com afetação com o rosto atrás de um leque. Não queria se tornar um produto no grande mercado de casamentos, sendo avaliada por todos os jovens machos imaturos e cheios de espinhas que abundavam em Londres – como se não houvesse nada mais na vida a não ser casamento, e nada mais para *ela* a não ser aparência e linhagem.

Mas é claro que Wulfric insistira – calma e implacavelmente, sem erguer a voz, apenas arqueando de leve as sobrancelhas. Só que as sobrancelhas de Wulf – e seu monóculo – eram no mínimo duas vezes mais assustadoras do que as vozes de todo um regimento gritando em batalha. E também havia a tia Rochester, aquele verdadeiro dragão velho, que tomara Morgan com firmeza sob suas asas quando a moça chegara a Londres e logo lhe impusera o uniforme de uma jovem dama que seria apresentada à corte. De modo geral, tudo era branco, delicado, e fazia com que Morgan se sentisse com metade da idade que tinha – o que *não* é nada desejável quando se tem apenas 18 anos. E então a irmã mais velha de Morgan, Lady Freyja Moore, marquesa de Hallmere, chegara à cidade com o marido para acompanhar a caçula em sua apresentação à rainha, em seu baile de debutante e também nas primeiras aparições oficiais em eventos sociais.

Finalmente, toda aquela história tediosa de debutar já se tornara um fato consumado. Morgan detestara quase todos os momentos que passara envolvida nisso. Sentira-se como uma *coisa*. Uma coisa muito exclusiva, muito preciosa, era verdade. Ainda assim, mais um objeto do que uma pessoa.

No entanto, depois de tudo terminado, ficara feliz por ter acontecido. Porque, apesar da relutância em suportar a temporada em Londres, Morgan era dona de uma alma inquieta e aventureira, e de uma mente viva e inteligente que precisava de estímulo constante. E, de repente, tanto a aventura quanto o alimento para a mente se apresentaram a ela quando Napoleão Bonaparte escapara da prisão na ilha de Elba e voltara à França. As salas de visita de Londres ferveram com a notícia e com especulações a respeito

das consequências que provocaria. Com certeza, os franceses o rejeitariam. Mas isso não aconteceu, e, em pouco tempo, era a possibilidade de guerra que inflamava as conversas em Londres. Seria possível que os aliados, tão confortavelmente assentados em Viena, engajados em conversas de paz, tivessem que lutar mais uma grande batalha contra Bonaparte?

Logo se tornou claro que a resposta era sim, e que o campo de batalha seria a Bélgica. Ninguém menos do que o duque de Wellington fora para Bruxelas em abril, e outras personalidades importantes de toda a Europa haviam ido se juntar a ele.

Desde o começo, Morgan achara toda essa história fascinante e – como ela era um membro dos Bedwyns, que eram conhecidos por seu desprezo às convenções e jamais achariam que certos assuntos não eram adequados aos ouvidos de uma dama – discutira com a família a situação e suas infinitas possibilidades de desdobramento.

E então surgiu para ela a possibilidade de ir a Bruxelas.

Os exércitos haviam começado a se preparar para a guerra e alguns regimentos britânicos, além de um grande número de seus oficiais, estavam em Londres. Os oficiais passaram a aparecer em eventos públicos usando uniforme – e um deles começara a cortejar Morgan com determinação. Ela achara um tanto divertido estar acompanhada pelo capitão Gordon – belo, de cabelos dourados, uniformizado, filho e herdeiro dos condes de Caddick –, sair para passear com ele, sentar-se a seu lado, junto aos pais e à irmã dele, no camarote na ópera, dançar com ele nos bailes e em outras reuniões. Morgan chegara mesmo a ficar amiga da irmã do capitão, Lady Rosamond Havelock.

Então ele recebera a informação de que iria para a Bélgica com seu regimento, e os Caddicks, inclusive Rosamond, decidiram seguir o rapaz. Dezenas, centenas, talvez, de outros membros da sociedade britânica estavam indo também. Seria uma grande diversão, dissera Rosamond quando Morgan fora convidada a acompanhar a família, sob o olhar vigilante da condessa.

Todos pensavam, é claro, que o relacionamento que nascia entre Morgan e o capitão Gordon era sério. Embora ele também parecesse achar isso, assim como Rosamond e os Havelocks, Morgan estava longe de se sentir pronta para tomar qualquer decisão que a comprometesse pelo resto da vida. Mas queria desesperadamente ir para Bruxelas, estar perto do centro

da crise e da ação que vinha sendo organizada, por isso implorara a Wulf que a deixasse viajar.

Morgan esperava que o cenário em Bruxelas fosse ser de grandes exercícios políticos e intelectuais, com conversas estimulantes onde quer que estivesse. Que tolice de sua parte!

Na verdade, a temporada na cidade belga estava sendo muito semelhante ao tempo que passara em Londres – dias e noites cheios de uma frivolidade após outra. Morgan quase desejava que Wulfric houvesse se recusado a permitir que ela fosse. Era tudo meio decepcionante.

É claro que havia vantagens em estar em Bruxelas. Em primeiro lugar, havia a maravilhosa sensação de liberdade. Wulfric não estava lá, com seu monóculo na mão, para tomar conta de cada ação da irmã, nem tia Rochester para *franzir o cenho* a todos os movimentos da sobrinha, empunhando seu *lorgnon* – um par de óculos sem hastes, sustentado por um único cabo acoplado a uma das lentes. Havia apenas Alleyne, o irmão de idade mais próxima à de Morgan, que estava ali com o embaixador, sob as ordens de Sir Charles Stuart. Mas embora Alleyne tivesse prometido a Wulf que ficaria de olho em Morgan, até aquele momento não tinha feito nada além de apenas observar. Na verdade, era como se estivesse apenas com meio olho atento à irmã.

Lady Caddick era uma acompanhante indulgente. Também era uma mulher bastante tola. Lorde Caddick parecia não ter um pinga de personalidade – ou, se tinha, Morgan ainda não descobrira. Ela gostava de Rosamond, mas até mesmo a amiga tinha poucos assuntos além de belos pretendentes, chapéus e bailes. O capitão Gordon e os outros oficiais conhecidos seus gostavam de reforçar a própria masculinidade dizendo às damas que não precisavam preocupar suas lindas cabecinhas com nenhum dos assuntos que Morgan estava inclinada a achar interessantes.

Era uma declaração um tanto provocadora para uma jovem que crescera com os Bedwyns e que tivera a tola esperança de que os outros homens seriam como os irmãos, e as outras mulheres, como Freyja.

A sequência de quadrilhas que abria o baile do visconde de Cameron estava quase no fim. Morgan gostava de dançar com o capitão Gordon porque ele ficava mesmo lindo em seu uniforme e dançava bem. Quando ela o vira pela primeira vez, achara que poderia se apaixonar. Mas agora que o conhecia melhor, tinha sérias dúvidas a respeito do rapaz. O capitão lhe dissera no

início das quadrilhas, em um dos raros momentos em que tiveram alguma privacidade por mais de alguns poucos segundos, que se sentia muito confiante em seu papel de oficial na luta contra a tirania. Estava completamente preparado, acrescentara, para morrer pelo país se preciso fosse – e pela mãe, pela irmã e... Bem, ainda não tinha o direito de acrescentar outro nome, concluir o rapaz, encarando Morgan com uma expressão ardente.

Ela o achara um pouco teatral. E mais do que apenas um pouco alarmante. Os Caddicks e outras pessoas, percebera ela, presumiam que, ao aceitar o convite para a viagem, ela também concordara com um futuro noivado com o filho deles. No entanto, o motivo declarado do convite fora que Rosamond precisaria de companhia feminina.

– Eu estava torcendo – disse o capitão quando a música silenciou – para que a orquestra simplesmente se esquecesse de parar de tocar, Lady Morgan. Tive a esperança de que pudéssemos dançar a noite toda.

– Que tolice! – exclamou ela, abrindo o leque e abanando-se devagar para esfriar o rosto ruborizado. – Há outras damas esperando para dançar com o senhor, capitão.

– Há apenas uma dama com quem vale a pena dançar – comentou o capitão, oferecendo o braço a Morgan para acompanhá-la até onde estava a mãe dele. – Mas infelizmente não posso ter duas danças seguidas com ela.

Morgan se perguntou se poderia ser verdade que o capitão não passava de um jovem tolo e exibido. Mas ele também era um homem que estava encarando a guerra e a possibilidade da morte. Ela precisava se lembrar disso – seria injusto não fazê-lo. Um homem poderia ser perdoado por um certo excesso de sentimentalismo sob aquelas circunstâncias, desde que não exagerasse. Morgan sorriu para ele, mas falou com firmeza:

– Não, não pode. Desejo dançar com outros parceiros.

O tenente Hunt-Mathers era um dos que estavam no grupo reunido ao redor de Lady Caddick e Rosamond. Ele estava esperando por sua dança com Morgan, que seria a seguinte. O tenente não era tão alto, tão bonito ou tão elegante quanto lorde Gordon, mas era um jovem amável e educado, e Morgan gostava dele – ainda que o rapaz tivesse tendência a ser um tanto insípido. Ela se voltou para ele, sorrindo, ao mesmo tempo que recolhia a mão que segurava a manga de lorde Gordon.

Mas antes que pudesse começar qualquer tipo de conversa, percebeu que Lady Cameron se dirigia a Lady Caddick e lhe pedia permissão para

apresentar o cavalheiro que estava ao seu lado a Lady Morgan Bedwyn. A permissão foi dada e Morgan se virou educadamente na direção das duas damas.

– Lady Morgan – disse a viscondessa de Cameron, sorrindo com graciosidade para a convidada –, o conde de Rosthorn pediu que o apresente à senhorita.

Morgan examinou o conde. Ele não era um oficial. Estava vestido com elegância em calções de seda cinza, colete bordado em prata, paletó social preto, justo, e camisa e lenço brancos com aplicações de renda. Não era um homem jovem. Era alto, com formas harmoniosas, e bastante bonito, admitiu Morgan. Ela fez uma medida e percebeu que o conde tinha olhos acinzentados com uma expressão indolente, que pareciam encará-la com certo humor.

Mas Morgan não viu nada no conde de Rosthorn que lhe despertasse grande interesse. Ele era um entre as dezenas de cavalheiros que haviam pedido que os apresentassem a ela desde que debutara na sociedade. Morgan sabia que era considerada bela, embora se achasse morena e magra demais. E também sabia que o fato de ser filha de um duque e dona de uma grande fortuna a tornava atraente a cavalheiros de todas as idades e parentescos. Afinal, ela era um produto no mercado de casamentos, mesmo que agora estivesse na Bélgica e não em Londres, e mesmo que todos *achassem* que ela estava praticamente comprometida com lord Gordon.

Morgan respondeu com educação ao conde, perguntou como ele estava, mas logo o cortou da lista de cavalheiros que poderiam ter alguma importância especial para ela. E o encarou com a arrogância fria que costumava desencorajar atenções indesejadas. Morgan *torceu* para que ele entendesse sua expressão e não a convidasse para dançar.

Às vezes ela ficava alarmada ao perceber quão entediada se sentia com apenas 18 anos.

– Estou bem, obrigado – disse o conde em um tom de voz que, de certo modo, combinava com a expressão nos olhos dele, lânguida e com certo humor. – Agora melhor ainda, já que fui apresentado à dama mais encantadora do salão.

A lisonja foi dita como se ele risse de si mesmo.

Morgan não respondeu. Abriu o leque diante do rosto e o encarou, as sobrancelhas erguidas de leve, a expressão abertamente arrogante que era

a especialidade dos Bedwyns. Aquele homem a achava mesmo *tão* tola e obtusa? Esperava de fato que ela sorrisse com afetação e ruborizasse diante de tamanha bobagem? Mas por que o conde não haveria de pensar e esperar exatamente isso? Era o que pensava a maior parte dos cavalheiros, que assim demonstravam quão obtusos *eles* eram.

O humor só ficou mais intenso nos olhos do conde e Morgan percebeu que ele lera seus pensamentos. Ótimo! Mas as palavras seguintes dele a desanimaram:

– Eu poderia ousar ter a esperança de que a senhorita ainda tenha uma dança livre em algum momento desta noite, e deseje aproveitá-la comigo?

Que aborrecimento!, pensou Morgan, parando por um instante de abanar o leque e tentando encontrar uma desculpa educada para recusar o convite – ela não gostava da ideia de simplesmente mentir e dizer que já prometera todas as danças daquela noite.

Mas alguém fez isso em seu lugar.

– Ah, que pena! – exclamou o capitão Gordon, no tom meio afetado que às vezes assumia quando falava com alguém que considerava inferior. – Todas as danças neste canto do salão já foram prometidas, meu caro.

Morgan arregalou os olhos, ultrajada. Como o capitão ousava? Mas antes que pudesse ter a satisfação de retorquir com a irritação adequada a tamanha pretensão, o conde de Rosthorn se virou na direção dele, um monóculo materializando-se em sua mão. Levou o monóculo ao olho e examinou Gordon com desinteresse.

– Aceite minhas congratulações, capitão – disse o conde. – Mas me sinto na obrigação de desfazer um possível mal-entendido de sua parte. Não estou convidando-o para dançar.

Morgan precisou se controlar para não deixar escapar um gritinho de prazer. Que resposta deliciosa, perfeita! De repente, ela passou a encarar o conde sob uma luz completamente diferente. Um homem com tamanhas rapidez de raciocínio e segurança era merecedor de sua simpatia. Ele a fez se lembrar dos irmãos.

– Obrigada pelo convite, lorde Rosthorn – disse Morgan, como se nada houvesse acontecido entre o momento em que ele pedira a dança e a resposta dela, agora. – Que tal a dança depois dessa?

Por maior que fosse a elegância com que estivesse vestido, pensou Morgan, havia algo nele que sugeria uma má reputação, embora ela não fos-

se capaz de definir o que era. Talvez fosse apenas o fato de o conde ser consideravelmente mais velho do que ela e, por isso mesmo, ter um maior conhecimento do mundo e da vida. Não que Morgan estivesse disposta a admitir sua ingenuidade. Jamais! Mas de fato havia uma certa frieza no conde, uma ligeira sensação de perigo que emanava dele.

– Será uma honra que esperarei com prazer durante a próxima meia hora – respondeu o conde.

Provavelmente era aquele olhar indolente, decidiu Morgan. E a voz lânguida. Mas não, havia outro elemento na voz dele que explicava com mais clareza a impressão de leve perigo que ela tinha. O conde falava com sotaque francês.

Morgan abanou o rosto devagar e observou enquanto ele se afastava.

– O conde tem sorte de haver damas presentes – dizia lorde Gordon ao seu círculo de amigos, a voz trêmula de raiva. – Teria me dado grande satisfação bater com uma luva no rosto dele.

Morgan o ignorou.

– Minha cara Lady Morgan – disse Lady Caddick quando o conde já não podia ouvir –, o misterioso conde de Rosthorn deve ter ficado muito impressionado com a senhorita, para insistir em lhe ser apresentado.

– *Misterioso*, não, mamãe? – perguntou Rosamond.

– Ah, sim, ele é um mistério – confirmou Lady Caddick. – Herdou o título e a fortuna do pai há cerca de um ano, mas ninguém soube dele por anos antes disso nem o viu desde então, a não ser agora, aqui em Bruxelas. Há rumores de que ele tem andado disfarçado pelo continente, recolhendo informações para o governo britânico.

– Ele é um *espião*? – questionou Rosamond, arregalando os olhos e se virando na direção em que o conde se afastara.

– Pode muito bem haver alguma verdade nos boatos – comentou Lady Caddick. – Isso com certeza explicaria a aparição dele em Bruxelas em um momento em que deve haver grande necessidade de informações secretas sobre a França.

O interesse de Morgan em relação ao conde aumentou ainda mais. Era realmente um homem perigoso! Mas os pares já começavam a se preparar para a próxima dança e a orquestra estava pronta para tocar de novo. O tenente Hunt-Mathers se aproximou dela, fez uma reverência rígida em estilo militar e estendeu o braço.

CAPÍTULO II



Gervase passou a meia hora seguinte no salão de jogos, passeando, observando as partidas em andamento e trocando acenos de cabeça e amabilidades com alguns conhecidos. E manteve um dos ouvidos atento à música.

Lady Morgan Bedwyn era tão encantadora de perto quanto parecera vista do outro lado do salão. A pele clara e suave era imaculada e os grandes olhos castanhos tinham cílios fartos e escuros. Ele achara bastante divertida a reação da moça diante dos galanteios deliberadamente exagerados que lhe fizera. Lady Morgan o encarara com a altivez de uma nobre entediada. Ao que parecia, a jovem não era a moça tola que ele imaginara.

Aquele olhar sério e arrogante devia ser um dom dos Bedwyns. Bewcastle era um mestre nessa arte. Gervase fora alvo de um desses olhares na última vez em que vira o homem. A expressão de Lady Morgan sugeria orgulho, presunção, vaidade e insolência, e todos esses traços de caráter o mantiveram ainda mais determinado em sua decisão.

Finalmente a música terminou e foi substituída pelo burburinho alto das conversas, vindo da direção do salão de baile. Estava na hora de ir reclamar sua parceira de dança. A *irmã* de Bewcastle.

O barulho e a animação no recinto pareciam desmentir o fato de que estavam todos ali – sobretudo os oficiais – porque uma guerra era iminente. Mas talvez fosse exatamente a possibilidade de tamanha catástrofe que impelisse todos a aproveitarem ao máximo o momento. Para muitos, o presente poderia ser tudo o que teriam.

Gervase localizou sua parceira de dança na multidão e foi na direção dela. Cumprimentou Lady Caddick, acompanhante da moça, com um aceno de cabeça e fez uma mesura diante de Lady Morgan.

– Lady Morgan – disse –, acredito que esta seja a minha dança, certo?

A nobre assentiu regiamente. Ela e a dama de cabelos dourados a seu lado estavam cercadas por jovens oficiais que encaravam Gervase com uma hostilidade mal-disfarçada.

– É uma valsa – comentou a outra moça. – Conhece os passos, lorde Rosthorn?

– Sim, conheço – assegurou Gervase. – Recentemente passei alguns meses em Viena. A valsa é uma febre na cidade.

– Rosamond! – repreendeu Lady Caddick, talvez porque a moça havia falado com ele sem ter sido primeiro apresentada formalmente. Mas as plumas altas nos cabelos da dama mais velha se inclinaram com graciosidade na direção de Gervase. – Pode valsar com Lady Morgan, lorde Rosthorn. Ela recebeu permissão do comitê de senhoras do clube Almack's.

Gervase estendeu o braço para Lady Morgan, que pousou a mão com delicadeza nele – uma mão delicada, de dedos longos, cobertos por uma luva branca.

– A permissão das senhoras do Almack's – comentou ele, erguendo as sobrancelhas enquanto se afastava com a jovem. – Isso tem alguma... importância?

– É tudo absolutamente tedioso – respondeu Lady Morgan com uma expressão que lembrou a ele uma matrona entediada. – Uma dama não pode valsar nos salões de Londres até que tenha conseguido a permissão delas.

– É mesmo? E por quê?

– Muitas pessoas não aprovam a valsa – explicou ela. – É considerada avançada.

– Avançada? – perguntou Gervase, aproximando a cabeça da dela.

– No sentido de imprópria – disse Lady Morgan, com desdém.

Ele sorriu.

– Ah, entendo.

E realmente entendia. A boa e velha Inglaterra. Não mudara em nada. Continuava pudica como sempre.

– Dancei valsa milhares de vezes em casa com meu professor de dança e com meus irmãos – comentou ela. – Mas não tive permissão para dançar em meu próprio baile de apresentação à sociedade!

– Como se a senhorita fosse uma criança! – exclamou ele, parecendo chocado.

– Exatamente!

Mas ela o encarou com desconfiança quando eles assumiram seus lugares na pista de dança, esperando que a música começasse.

Deus, como ela era bonita!

– O senhor é um espião britânico? – perguntou Lady Morgan.

Gervase ergueu a sobrancelha diante da mudança abrupta de assunto.

– Há rumores a respeito disso – esclareceu ela. – O senhor está longe da Inglaterra há muito tempo. Dizem que talvez tenha estado engajado em missões da inteligência para o governo britânico.

– Lamento dizer, mas não sou tão romântico – retrucou ele. – Estou longe da Inglaterra há nove anos porque fui banido de lá... pelo meu pai.

– É mesmo?

– Por causa de uma mulher – continuou Gervase com um sorriso. – E do roubo de uma joia de valor inestimável.

– Que o senhor roubou?

– Que eu *não* roubei – disse ele. – Mas todos os ladrões acusados e condenados não afirmam a mesma coisa?

Ela o encarou por um momento, as sobrancelhas arqueadas.

– Lamento que não seja um espião – falou, por fim. – Embora arrisque dizer que, de qualquer modo, o senhor não estaria disposto a responder às minhas perguntas sobre sua situação militar.

Ela virou a cabeça na direção da orquestra – a música enfim estava começando.

Gervase pousou a mão na cintura dela – era tão fina que ele quase conseguia abarcá-la entre as duas mãos – e segurou-lhe a mão direita com a sua esquerda. A mão livre de Lady Morgan pousou no ombro dele.

Ela era muito jovem. E absolutamente encantadora.

E era irmã de Bewcastle.

Dançar era uma das coisas que Gervase fazia muito bem. Ele sempre adorara os passos elegantes do minueto, a complexidade vigorosa das quadrilhas – e a energia erótica da valsa. Talvez os britânicos fossem sábios ao proteger as moças muito jovens daquele ritmo sedutor.

Ele guiou a dama no início da dança, valsando e girando em passos pequenos e cuidadosos enquanto avaliava o conhecimento dela e sua habilidade para acompanhá-lo. Lady Morgan fora bem ensinada. Mas também tinha algo mais do que precisão e domínio da dança. Gervase sentiu isso já

no primeiro minuto, quando eles se moviam tão lentamente quanto todos ao redor.

Lady Morgan não se mostrou inclinada a conversar mais e ele também não teve essa necessidade. Podia sentir o perfume dela, algum sabonete ou colônia, delicado e floral – violeta, talvez? Ela parecia muito jovem, muito esguia, nos braços dele. Era leve, cálida e flexível, e Gervase percebia os sapatinhos se movendo pelo piso do salão a poucos centímetros dos dele.

– É assim que os ingleses valsam? – perguntou Gervase.

– Sim. – Ela levantou os olhos para encará-lo. – Não é como todos valsam?

– Devo lhe mostrar como se valsa em Viena, *chérie*? – indagou ele.

Ela arregalou os olhos, embora ele não soubesse se por causa da pergunta ou do uso do termo carinhoso em francês.

Gervase girou com ela em passadas mais abertas e rodopiou com mais vigor ao chegarem a um canto do salão. Lady Morgan o acompanhou. Ele conseguiu até mesmo arrancar um sorrisinho dela.

A valsa não fora criada para ser algo monótono e mecânico, com todos girando lentamente, em perfeito compasso uns com os outros. Gervase dançava naquele momento com Lady Morgan do modo como tinha certeza de que a valsa fora feita para ser dançada, os olhos e a mente concentrados na parceira, os ouvidos recebendo a música e transmitindo o ritmo e a melodia a cada célula do corpo, os pés convertendo os compassos em movimento.

Era uma dança sensual, que tinha a intenção de prender a atenção do homem na mulher e vice-versa. Tinha sido criada para evocar pensamentos em outro tipo de dança, ainda mais íntima.

Não era de estranhar que os britânicos tivessem receios em relação a ela.

Gervase rodopiou com Lady Morgan nos braços até que a luz dos candelabros se tornasse uma faixa cintilante acima deles e desviou habilidosamente de casais que giravam mais devagar, notando com satisfação que a jovem o acompanhava em cada passo, sem demonstrar o menor vestígio de medo de errar, de colidir com outros dançarinos ou de perder o equilíbrio. Os uniformes cintilantes dos oficiais, os vestidos de baile em tons pastel das damas, tudo se fundiu em uma melodia intermitente de cor.

Quando a primeira valsa daquela seleção terminou, os olhos de Lady Morgan cintilavam. Ela estava ligeiramente ruborizada e um pouco ofegante. E ainda mais encantadora do que antes.

– Nossa! – exclamou ela. – Gostei do modo como se dança em Viena!

Ele abaixou a cabeça para se aproximar mais dela.

– Acha que as senhoras do Almack’s aprovariam?

– Com certeza, não – respondeu ela, e riu.

A música começou novamente. Mas dessa vez era uma valsa mais lenta, mais leve.

Gervase valsou com ela pelo meio dos outros dançarinos, como antes, desviando-se deles com precisão, variando a largura dos passos, alguns curtos e então um mais largo, girando com tanta velocidade que forçava as costas e o pescoço de Lady Morgan a se arquearem para trás. Ele sentia a música com o corpo, movia-se com as notas, desafiava a melodia, tomava liberdade com ela, experimentava sua magia. E Lady Morgan se movimentava junto dele, sem errar, os olhos presos aos dele na maior parte do tempo. Gervase a segurava uma fração de milímetro mais próxima do seu corpo do que determinavam as regras, embora eles não se tocassem em nenhum lugar além dos permitidos.

Lady Morgan suspirou alto quando a música estava perto de terminar novamente.

– Não sabia que uma valsa poderia ser tão... – disse ela, girando a mão no ar, sem conseguir encontrar a palavra adequada para completar a frase.

– Romântica? – sugeriu ele. Então aproximou mais os lábios da orelha dela. – Erótica?

– Agradável – respondeu a moça. Então franziu a testa e voltou a encará-lo com a altivez de antes. – Essa não foi uma escolha de palavras nada adequada! E por que me chamou de *chérie*?

– Passei nove anos no continente, falando francês na maior parte do tempo – explicou Gervase. – E minha mãe é francesa.

– Então me chamaria de outra coisa, se tivesse passado esses anos na Inglaterra? – perguntou ela. – Ou se sua mãe fosse inglesa?

– Provavelmente, não. – Ele sorriu para ela. – Eu teria passado a vida toda em meio às suscetibilidades e inibições inglesas. Que tédio teria sido... Sou grato por minha mãe ser francesa, *chérie*.

– Não deve me chamar assim – retrucou ela. – Não lhe dei permissão. Entenda que *eu* sou inglesa, com todas as suscetibilidades e inibições inglesas... E com todo o tédio.

Ela era irmã de Bewcastle até o último fio de cabelo, pensou Gervase. A não ser pelo fato de que ele conseguia ver a rebeldia sob a superfície aris-

tocrática, a borboleta ansiosa para voar, para se libertar do casulo. E via a mulher por trás dos traços muito jovens, que com certeza era capaz de uma paixão ardente.

– Não acredito na senhorita nem por um momento – disse Gervase baixinho, sorrindo para ela. – Mas se não posso chamá-la de *chérie*, qual a outra opção? Que tipo de nome para uma dama é Morgan?

– Foi escolha da minha mãe – explicou ela. – Todos temos nomes inco-muns, minha irmã e meus irmãos também. Mas o meu não é tão estranho assim. Nunca ouviu falar de Morgan, ou Morgana, das lendas arturianas? É uma mulher.

– E uma feiticeira – disse ele. – Seu nome faz todo o sentido, então.

– Bobagem – retrucou ela bruscamente. – Além do mais, não sou Morgan para o senhor, não é mesmo, lorde Rosthorn? Sou *Lady* Morgan.

A música começou mais uma vez para a última valsa daquela seleção. O sorriso de Gervase se transformou em uma gargalhada.

– Ah! – exclamou Lady Morgan, se animando. – Outra música mais rápida. Dançar às vezes pode ser muito tedioso, não acha, lorde Rosthorn?

– Se o modo de dançar for o inglês, tenho que concordar com a senhorita – respondeu ele. – Mas o modo vienense é mais... há... interessante, não concorda?

– Quando fez essa pausa, sua intenção era que eu pensasse naquela outra palavra, não era? – perguntou ela. – Acredito, lorde Rosthorn, que o senhor está flertando de forma escandalosa comigo. Mas tome cuidado: não sou tão ingênua quanto posso parecer. Sim, vamos valsar à moda vienense, pois é mais *interessante*. – A jovem sorriu para ele.

Aquele sorriso guardava toda a luz do sol, todo o calor de um dia de verão, e Gervase percebeu que a moça estava fazendo o jogo dele – ou o que achava que fosse o jogo dele. Lady Morgan era muito mais interessante do que ele imaginara. Talvez até mesmo provasse ser uma oponente de valor.

Ele esperava que sim.

– Me convenceu, *chérie* – falou, girando com ela e sustentando seu olhar sorridente. – Vamos executar o modo *erótico* da dança.

O rosto dela ficou ruborizado. Mas Gervase percebeu que Lady Morgan não afastou o olhar. Ele sorriu lentamente para ela.



Quase todos os britânicos em visita a Bruxelas haviam se deslocado para a cidade de Schendelbeke e cruzado a ponte temporária sobre o rio Dender até onde, na margem próxima a Grammont, o duque de Wellington passava em revista a cavalaria britânica. Von Blücher, o marechal prussiano, também estava lá.

O lugar era um belo cenário para um espetáculo daqueles. E aquilo era mesmo um verdadeiro espetáculo. Primeiro, a cavalaria ficou parada para ser inspecionada, e Morgan, sentada em uma carruagem aberta com Rosamond e os condes de Caddick, poderia jurar que nenhum dos milhares de homens, assim como nenhum dos milhares de cavalos nos quais eles estavam montados, havia movido um único músculo. Então, lorde Uxbridge, seu comandante, passou marchando com a cavalaria pelo duque, e todos se moviam tão perfeitamente juntos que era como se toda a força fosse uma unidade.

– Como qualquer mulher normal conseguiria não se apaixonar por cada um desses oficiais? – perguntou Rosamond com uma risadinha, embora falasse em um sussurro para que a mãe não ouvisse.

Às vezes Morgan achava a amiga um pouco tola em seu entusiasmo, mas naquele caso Rosamond não deixava de ter razão. Morgan não teria perdido aquele evento por nada no mundo. Àquela altura, se ainda estivesse em Londres, provavelmente estaria acompanhando sua tia Rochester em visitas sem graça. Por outro lado, quando tentara, pouco tempo antes, iniciar uma conversa com o conde de Caddick sobre a real necessidade de a disciplina militar sobrepujar o direito do homem à individualidade, recebera em resposta olhares perplexos das damas e um mero grunhido do conde.

O regimento dos Life Guards fazia parte da revista e se adiantou em todo o seu esplendor escarlate imaculado. Os oficiais montavam cavalos magníficos, perfeitamente treinados – os melhores de toda a Europa, segundo lorde Gordon. O capitão encontrava-se entre os seus homens naquele momento. Também estavam ali vários outros jovens oficiais que faziam parte do grupo usual de amigos dele.

Se em algum momento a cavalaria britânica fosse forçada a entrar na batalha, predisse Rosamond em voz alta, com certeza bastaria que a cavalaria francesa desse uma única olhada neles para estacar, em pânico, apavorada demais até para fugir. Não que a situação fosse *algum dia* chegar a esse ponto, é claro.

Morgan não tinha tanta certeza em relação a nenhuma das duas possibilidades. Na véspera mesmo, Alleyne a alertara para o fato de que a situação começava a parecer séria e de que era bastante provável que os Caddicks logo decidissem retornar à Inglaterra. E, com certeza, pensou ela, anos de campanhas militares deveriam ter ensinado a todos na Europa que seria uma grande tolice subestimar Bonaparte e os soldados franceses que sempre haviam lutado por ele com incansável bravura. Muitos britânicos, é claro, não estavam dispostos a admitir que qualquer outro povo que não o inglês fosse capaz de mostrar bravura.

Ela guardou para si seus pensamentos.

Depois de terminada a revista, o capitão Gordon e vários outros oficiais cavalgaram até a carruagem aberta para cumprimentar o conde e a condessa e para conversar com as jovens damas. Morgan estava bastante consciente de que o espetáculo visual daquela tarde não era uma apresentação de circo. Era a realidade, homens de verdade se preparando para a guerra – para matar e serem mortos. Ela girou o guarda-sol acima da cabeça e fixou o olhar em cada um deles. Era difícil imaginar toda aquela vitalidade masculina em uma luta tão desesperada.

– O duque de Wellington está esperando ansiosamente pela chegada de mais tropas estrangeiras – explicou lorde Gordon a Morgan. Ele manobrou o cavalo para ficar ao lado da porta perto da qual ela estava sentada. – E dizem que está apavorado, com medo de que o restante das tropas experientes que lutaram com ele na Guerra da Península não consiga voltar da América a tempo de fazer os franceses recuarem, caso sejam tolos o bastante para atacá-los aqui. Mas é fácil ver que apenas a nossa cavalaria já é forte e brutal o bastante para alcançar esse intento sem maiores dificuldades.

Seus colegas oficiais aplaudiram, sorridentes.

– Não concorda comigo, Lady Morgan, depois de ter assistido à revista? – perguntou ele.

Morgan sabia muito bem – como todos deviam saber – que era sempre a infantaria que ganhava ou perdia uma batalha.

– Sem dúvida, os senhores parecem formidáveis – respondeu.

– E o regimento dos Life Guards? – perguntou ele. – É de conhecimento geral que somos a nata, por assim dizer, que todos os ingleses das mais altas patentes escolhem os Guards, considerando que possam pagar pela patente, e que temos os melhores cavalos. Já notou como o resto da cavalaria e

todos os regimentos de infantaria e de artilharia olham para nós com inveja e admiração? Principalmente os jaquetas verdes.

Os companheiros dele voltaram a rir e a aplaudir, e Lady Caddick sorriu com complacência. Rosamond estava envolvida em uma conversa particular com o major Franks, que dera a volta até o lado da moça na carruagem.

Morgan desejou que eles não parecessem tanto, de um modo que chegava a ser desconcertante, um grupo de colegiais com a intenção de ganhar um jogo de críquete de uma escola rival. Ela não podia deixar de se perguntar, com certo desconforto, como tropas tão despreparadas se sairiam em batalha. A maior parte dos jaquetas verdes a quem lorde Gordon se referira era formada por atiradores. Muitos haviam lutado na Guerra da Península e eram de tropas experientes, treinadas em batalha. Vários deles talvez tivessem uma aparência menos abastada, mas Morgan percebera que os outros soldados se dirigiam a eles com um respeito considerável.

– O regimento dos Life Guards parece particularmente magnífico – concordou ela.

O capitão sorriu, satisfeito.

– Nada deve temer, Lady Morgan – disse ele. – Em primeiro lugar, nenhum francês em seu juízo perfeito lutará de novo por Bonaparte se puder evitar. Além disso, Bruxelas está cercada por nossas próprias tropas aliadas em uma fortaleza de proteção impenetrável. E, se todo o resto falhar, com certeza os Life Guards não falharão. A senhorita está totalmente a salvo de qualquer mal.

Houve mais aplausos bem-humorados.

– Não me sinto ameaçada – assegurou Morgan.

– Eu lhe garanto que não a manteríamos em Bruxelas se houvesse qualquer perigo, Lady Morgan – comentou Lady Caddick –, conforme garanti ao duque, seu irmão, antes de viajarmos para cá.

– De certo modo – continuou lorde Gordon, com sua ansiedade infantil, toda a atenção ainda concentrada em Morgan –, lamento que Bonaparte jamais se *aproximará* de Bruxelas. Nada me daria mais prazer do que uma batalha para ensinar a ele uma ou duas coisas sobre a cavalaria em geral e sobre o regimento inglês dos Life Guards em particular. Se Wellington nos tivesse junto a ele na Espanha, me arrisco a dizer que não teria demorado tanto a empurrar os franceses de volta para a França.

– Talvez não – disse Morgan. – Mas vocês estão aqui agora.

Morgan se sentia profundamente indignada. Até o ano anterior, o irmão dela, Aidan, fora um oficial da cavalaria. Lutara em Portugal, na Espanha e na França, combatendo na Guerra da Península com as forças de Wellington a cada passo lento do caminho. E Morgan nunca ouvira o irmão alegar que seu regimento – ou mesmo a cavalaria apenas – havia vencido a guerra. Aidan sempre falava com respeito de todas as forças militares com as quais lutara, fosse a cavalaria, a infantaria, a artilharia, os britânicos ou os aliados. E falava com mais respeito ainda dos franceses. Mas, é claro, Aidan era mais velho e mais experiente.

Àquela altura, os pensamentos de Morgan foram desviados quando seus olhos avistaram o conde de Rosthorn, a cavalo, a curta distância, ao lado de um cavaleiro que ela não conhecia. Morgan reconheceu imediatamente o conde. Não o via desde a noite do baile dos Camerons, mas não esquecera a valsa que haviam dançado – nem a conversa que tinham entabulado. Embora a honestidade a forcesse a admitir que se divertira, lembrou o momento com desaprovação. Ele a tratara com uma intimidade que a incomodara – e continuara a chamá-la de *chérie* mesmo depois de ela dizer que não o fizesse. E estivera determinado a chocá-la, ao contar sobre o motivo pelo qual fora banido da Inglaterra e ao usar aquela palavra – “erótica” – para descrever a dança deles. O conde pronunciara o termo duas vezes. E a segurara perto demais enquanto valsavam, chegando mesmo a aproximar a cabeça uma ou duas vezes para falar baixinho no ouvido dela. Ele era, é claro, um sedutor, e usara seus encantos com ela como se a considerasse uma moça imatura e, portanto, incapaz de perceber suas intenções.

Depois do baile, Morgan decidira que se o conde de Rosthorn voltasse a se aproximar dela, seria dura. Não iria mais dançar conforme a música dele. Afinal, era uma Bedwyn.

O conde a viu. O olhar dele sustentou o dela e a expressão em seu rosto não era exatamente sorridente – era mais uma mistura de zombaria e divertimento que iluminou os olhos indolentes e fez os cantos da boca se curvarem para cima. Morgan se recusou a ser a primeira a desviar o olhar. Ela ergueu as sobrancelhas no que esperou ser uma boa imitação de Wulfric quando o irmão queria acabar com a pretensão de alguém e quase congelava a pessoa com o olhar. Então lorde Rosthorn guiou o cavalo na direção da carruagem de Morgan, desviando-se das outras carruagens e dos cavaleiros ao redor.

Que chatice!

O grupo de oficiais abriu espaço para deixá-lo passar, alguns parecendo um tanto surpresos.

– Ah, Lady Caddick, madame – disse o conde, afastando os olhos de Morgan no último momento possível e tocando a aba do chapéu para cumprimentar a condessa. – Esperava encontrá-los aqui. Como vão?

– Lorde Rosthorn – disse Lady Caddick, toda amável. – Estava assistindo à revista? Nunca me entretive tanto e me senti tão orgulhosa na vida. Conhece Caddick?

Os cavalheiros, que ao que parecia de fato se conheciam, trocaram acenos amáveis de cabeça e lorde Rosthorn voltou a se dirigir a Lady Caddick enquanto o resto do grupo parava de conversar educadamente e observava.

Morgan estava mais do que um pouco irritada. Ansiava por alguma deixa para colocar o homem em seu devido lugar de forma bastante contundente.

– Estou planejando um piquenique na floresta de Soignes – comentou lorde Rosthorn – e preciso montar uma lista de convidados.

– Um *piquenique!* – exclamou Rosamond, afastando o olhar do major Franks e se voltando, animada, para Morgan.

– Um piquenique sob o luar – acrescentou lorde Rosthorn, sorrindo afetuosamente para Rosamond antes de voltar a se dirigir à mãe da moça.

– Me daria um grande prazer, madame, se a senhora e lorde Caddick aceitassem o meu convite e levassem com vocês sua filha e Lady Morgan.

Rosamond levou as mãos ao colo.

– E o filho de vocês também – acrescentou o lorde –, assim como qualquer outro oficial do regimento dos Life Guards que desejarem incluir no convite.

– Isso é muito gentil da sua parte, lorde Rosthorn – disse Lady Caddick. – Ficaríamos encantados em comparecer, não é, Caddick?

Lorde Caddick grunhiu.

– Esplêndido! – retrucou o conde de Rosthorn. – Então darei a mim mesmo a honra de avisá-los em Bruxelas assim que tiver detalhes mais específicos, madame.

Ele não se demorou mais. Deu a volta com o cavalo e manobrou por entre a multidão mais uma vez para se juntar aos amigos que o aguardavam por perto. Mas, antes de ir, encarou Morgan diretamente, inclinou o corpo em uma reverência educada e voltou a brindá-la com um meio sorriso,

como se os dois compartilhassem algum segredo divertido. Morgan quase esperou que o conde a chamasse de *chérie*.

– Ora! – exclamou ela, irritada, para ninguém em particular.

Estava bastante aborrecida. Como ele ousava? Não havia dirigido uma única palavra a ela. E mal a olhara depois de se aproximar. Ainda assim, Morgan tivera a forte impressão de que todos ali haviam sido convidados para o piquenique por causa dela.

O que o conde estava pretendendo?

Ela adoraria ter tido a oportunidade de avaliar o convite, girando o guarda-sol de forma despreocupada, para depois de algum tempo recusá-lo publicamente, com determinação, sem dar nenhuma desculpa. Um simples não. Em vez disso, tivera que ficar sentada em silêncio, apenas ouvindo, como uma criança cujos desejos não são consultados.

Seria bem-feito para o conde se realmente estivesse planejando aquele piquenique por causa de Morgan e ela não aparecesse.

O sotaque francês dele ficara claro durante toda a curta conversa. Mas o homem era britânico, não era? Será que ele esperava que ela achasse aquele sotaque irresistível só porque diziam que o francês – ou o inglês falado com sotaque francês – era o idioma do amor? Um libertino deveria ao menos ser mais sutil em sua abordagem.

É claro, pensou Morgan, que mostrar que podia ser mais esperta do que um sedutor barato qualquer animaria seus dias de algum modo – os dias dela realmente haviam se tornado bastante tediosos. E a ideia de um piquenique à luz do luar na floresta de Soignes, sem dúvida, era atraente.

– Quem aquele sujeito pensa que é? – perguntou lorde Gordon, irritado, uma das mãos tamborilando na porta da carruagem. – Ele espera que fiquemos impressionados com seu título, mas há anos não põe os pés na Inglaterra. Em vez disso, fica zanzando pelo continente, alimentando sua má reputação. Mas eu não deveria me espantar. O homem forçou sua presença no baile dos Camerons, anteontem, e dançou a primeira seleção de valsas com Lady Morgan, uma dança que *eu* já havia decidido que seria minha.

– Eu não havia prometido aquela dança a ninguém, capitão – lembrou Morgan com rispidez enquanto Rosamond se virava para interagir animadamente com o major Franks. Os outros oficiais também conversavam entre si e Lady Caddick estava fazendo um comentário com o marido. – Teria sido impróprio dançar de novo com o senhor logo depois da música

de abertura do baile. O conde de Rosthorn foi devidamente apresentado a mim e me fez um convite formal para uma seleção de valsas, convite que eu aceitei.

– Peço perdão – apressou-se a dizer o capitão. – Apenas achei o sujeito abusado e não gostaria que ele forçasse suas atenções à senhorita, caso não estivesse disposta. Talvez não seja esse o caso.

– Se eu não estivesse disposta – retrucou Morgan –, teria recusado diretamente o convite do conde, ainda mais se ele houvesse mesmo sido abusado. Mas não posso encarar uma apresentação feita de forma apropriada como *forçar* atenções a mim. E hoje ele fez o convite para o piquenique também de forma muito apropriada, e ampla, à sua mãe.

– Peço perdão – disse o capitão mais uma vez, em um tom rígido.

Aquilo foi o mais próximo que ela já chegara de se desentender abertamente com ele. Mas a verdade, pensou Morgan, era que o capitão podia ser muito cansativo. E possessividade era algo que ela não toleraria em homem algum que não fosse seu marido – nem mesmo em seu marido, decidiu, corrigindo o próprio pensamento.

Mas era impressionante o que aquele homem a havia obrigado a fazer, cismou Morgan, voltando os olhos na direção de lorde Rosthorn, que se afastava. Ali estava ela, defendendo o conde, quando se sentia bastante irritada com ele.

O que ele *pretendia*?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br